



Robson Maia

Nos camelôs espalhados pela cidade é possível encontrar uma grande diversidade de cópias das marcas famosas

POR TODO O LADO

Atração por importado facilita fraude

“O brasileiro acredita que tudo que é importado é melhor e, com exceção aos que estão acostumados à compra de produtos estrangeiros, a maioria da população desconhece os artigos importados, o que favorece a venda de artigos falsificados”.

A afirmação é do proprietário da importadora Free Shop, localizada na Praia do Canto, Donald Sutton. Na sua opinião, a preferência do brasileiro pelo produto importado se deve ao longo tempo de proibição de venda de artigos importados, o que acabou também causando uma crescente venda de mercadorias falsificadas.

Para Donald, essa crença de que tudo o que vem de fora é melhor do que o produzido no País, é um engano da população, que desconhecendo a qualidade dos produtos que querem

adquirir, ajudam a indústria da falsificação.

ELEVADOS

Os preços elevados dos produtos originais também levam a população a recorrer aos falsificados. Com muitos impostos incidindo sobre as mercadorias que vendem, as lojas importadoras legalizadas, muitas vezes desembolsam mais dinheiro com os tributos do que na compra dos produtos. Com isso, o valor final do artigo acaba sendo muito mais caro do que o seu preço inicial no País de origem.

Para se ter uma idéia, um carro europeu que custe em seu País de fabricação US\$ 10 mil (Cr\$ 11,5 milhões) chega nas mãos do consumidor brasileiro por mais de Cr\$ 35 milhões. Se for considerada a margem

de lucro do comerciante, que gira entre 10% e 20%, o preço do automóvel pode chegar a Cr\$ 42 milhões.

Para poderem importar produtos, os comerciantes legalizados têm que pagar alíquota de importação, que varia de acordo com o artigo; Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) e Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS). Além disso, é necessário pagar frete e seguro das mercadorias que vêm de outros países para o Brasil.

Mas apesar das dificuldades para vender produtos importados, Donald disse que há um público certo para esse tipo de negócio: “Além do mais, nem todos os produtos são caros como um carro importado”.

Paraguai é principal rota do muambeiro

Os maiores responsáveis pela entrada de produtos falsificados no mercado capixaba, camelôs e vendedores conhecidos como “muambeiros”, que geralmente trazem os produtos do Paraguai, oferecem a variedade de seus artigos afirmando que são produtos bons.

Mas quem compra dificilmente recebe algum certificado ou qualquer outro tipo de garantia de qualidade e assistência do produto, como acontece com os originais.

Como são de qualidade inferior aos verdadeiros produtos, os aparelhos eletrônicos, brinquedos, relógios, óculos, perfumes, bronzeadores, roupas e meias finas vendidos nesse tipo de comércio estragam ou apresentam defeitos com facilidade.

LUCRO

Quem também acaba lucrando com esse tipo de comércio são as lojas especializadas, que além de vender os produtos originais, fazem consertos nos aparelhos falsificados. Segundo os gerentes dessas lojas, vem crescendo o número de produtos falsificados que chegam para serem consertados.

O relojoeiro Messias Ferreira da Silva disse que de oito

relógios que são levados para conserto diariamente, pelo menos seis são falsificados: “Quem compra esses produtos mais barato acaba levando maior prejuízo para mantê-los funcionando por mais tempo”.

Na loja de material fotográfico Madeirense o número de máquinas falsificadas que os proprietários levam para o conserto também é grande. Segundo um dos proprietários da loja, José Lopes, metade dos pedidos de conserto corresponde a equipamentos não originais.

“Mas, na maioria das vezes, nós somos obrigados a falar aos proprietários que nem vale a pena tentar consertar porque vai sair mais caro do que foi pago pelo equipamento falsificado”, comentou Lopes.

Em relação aos óculos de sol, muitos dos compradores de materiais falsificados também passam por esse tipo de frustração. Um dos gerentes das Óticas Paris, Getúlio Gomes de Azevedo, disse que recebe muitas pessoas querendo transformar óculos de sol em óculos de grau: “Mas, às vezes os produtos falsos têm uma qualidade tão ruim que não permitem nem mesmo a troca de lentes”.

Lojistas têm divergências sobre produtos falsos

A opinião dos lojistas em relação à venda de produtos falsificados é divergente. Alguns acreditam que esse tipo de comércio não atrapalha os seus negócios, enquanto outros acham que são prejudicados.

Para o proprietário da Stylus Jóias, Orlando Ferreira de Oliveira, a venda desses produtos falsificados, que custam mais barato, atrapalha muito os comerciantes. “Deixamos de vender três ou quatro relógios por dia porque as pessoas compram os falsificados com preços inferiores”.

Segundo Orlando, os lojistas sempre tentam explicar para os consumidores que não há vantagem de se adquirir um produto falsificado porque, apesar de ser mais barato, é feito com um material de qualidade inferior, apresen-

tando logo defeito ou estragando de vez: “Mas nem sempre as pessoas entendem isso”.

Um dos proprietários da loja Madeirense, especializada em material fotográfico, José Lopes, disse que não só o comércio, mas também as indústrias são prejudicadas pela venda de produtos falsificados, já que seus produtos acabam sendo menos vendidos. Lopes estima que no Brasil cerca de 80% das máquinas fotográficas compradas são falsificadas.

Já um dos diretores das Óticas Paris, Getúlio Gomes de Azevedo, acredita que o comércio dos produtos falsificados não afeta os negócios das óticas especializadas. “O consumidor de produtos de uma ótica não é o mesmo que compra de camelôs”.

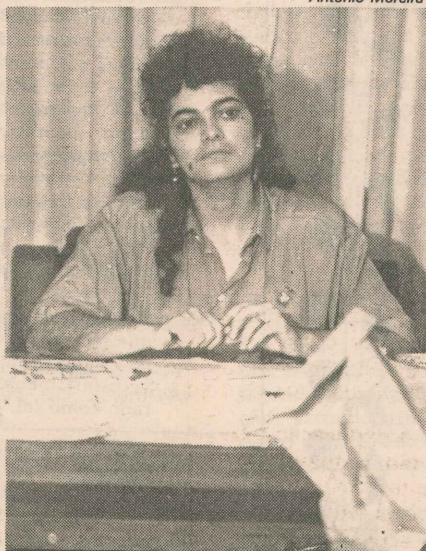
Sem nota punição fica difícil

A falta de nota fiscal que comprova a compra da mercadoria prejudica a ação dos órgãos competentes visando a proteção dos consumidores que se sentiram lesados ao adquirir um artigo falsificado e de pior qualidade, sem ter conhecimento disso.

Segundo a secretária executiva do Grupo Executivo de Proteção ao Consumidor (Procon), Lúcia Roriz, com a falta da nota fiscal pouco pode ser feito pelo órgão, já que não há nada que comprove que a mercadoria foi comercializada por determinado vendedor, o que impede que ele seja punido.

“Normalmente, quem vende produtos falsificados não emite notas fiscais ou qualquer outro documento que comprove a compra. Além disso, a maioria dos vendedores desse tipo de produto é difícil de ser localizada, já que eles não têm um ponto fixo de venda”, disse Lúcia Roriz.

No entanto, ela afirmou que todos os consumidores que se sentirem prejudicados podem procurar o Procon, que o órgão se responsabilizará por encaminhar as queixas aos locais competentes, quando o assunto não for de sua responsabilidade.



Antonio Moreira

Lúcia Roriz: mãos atadas

AVISO CONCORRÊNCIA Nº 01/91

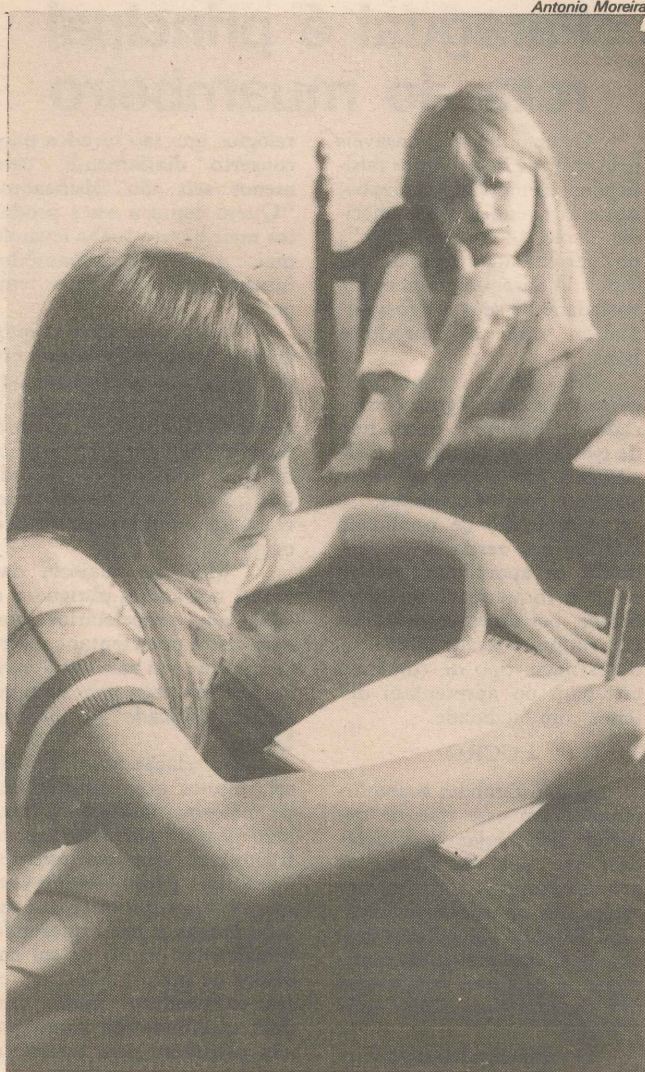
A Superintendência Estadual de Comunicação Social do Estado do Espírito Santo (SECOM) torna público, para conhecimento dos interessados, que fará realizar a abertura dos envelopes “Proposta” no dia 15 (quinze) de janeiro de 1992, às 10:00 horas, no mesmo local anteriormente fixado, dando início assim à segunda e última fase da licitação em apreço.

Vitória (ES), 10 de janeiro de 1992.

ELIZABETH RODRIGUES DOS SANTOS
Superintendente Estadual de Comunicação Social

GOVERNO
TRAB
ESPÍRITO SANTO

LHADOR
SECOM



A escola se torna monótona para os pequenos gênios

Professores se queixam da falta de recursos

As mudanças na metodologia de ensino visando atender os superdotados dependem de grandes recursos o que, segundo os professores de escolas particulares, impede que haja um atendimento especial para essas crianças.

"No caso das crianças superdotadas, teria que haver um atendimento mais individualizado e a maioria das escolas não possui condições estruturais para isso", avaliou o diretor do Colégio Leonardo da Vinci, localizado em Santa Lúcia, José Antônio Pignaton.

Ele concorda que o tipo de educação formal que é passado hoje "sufoca" o aluno com talento especial e pode acabar até nivelando-o com os demais.

Para o diretor da Escola Santa Bárbara, Adelino Quinamor Ferreira, em Santa Lúcia, a educação para alunos superdotados representa um problema tanto para os colégios particulares quanto para os públicos, que possuem praticamente a mesma metodologia de ensino.

VAZÃO

Quinamor disse que o que se pode fazer é aconselhar os professores e os pais para que dêem vazão a essas crianças, permitindo que elas façam todos os tipos de atividades que demonstrem interesse.

Na avaliação da presidente da Associação Brasileira dos Superdotados do Espírito Santo (ABSD/ES), Dora Cortat Simonetti, a criança superdotada, não deve, no entanto, ser separada das demais e os professores devem ser capacitados para atendê-las, o que não representa um alto custo.

Nas escolas públicas, a situação não é diferente. A psicóloga responsável pelo setor de educação especial da Secretaria de Estado da Educação (Sedu), Maria Inez de Moraes, informou que atualmente não há um serviço de atendimento ao superdotado por falta de pessoal.

A falta de recursos também impede que programas nesse sentido sejam colocados em prática no setor de educação especial, que tem como função atender os casos de crianças infra-dotadas (com problemas auditivos, visuais e mentais) ou superdotadas.

No setor trabalham apenas quatro técnicos, número considerado insuficiente. Num dos projetos elaborados pelo setor para atender crianças que precisam de educação especial e que prevê a construção de centros de atendimento para crianças infra e superdotadas em Cachoeiro de Itapemirim, Colatina e Vitória, seriam necessários, por exemplo, 30 técnicos em cada centro.

Sem a estrutura adequada para atender essas crianças, o setor de educação limita-se a preparar para o mês de maio deste ano um curso para professores da rede sobre crianças superdotadas.

OS GÊNIOS LUTAM

Discriminadas devido à sua maior capacidade para aprender, as crianças superdotadas têm grandes dificuldades para conseguir vagas nas escolas convencionais

Marinete Arcanjo

A sociedade e o sistema educacional ineficiente discriminam os superdotados, pessoas que têm potencialidades intelectuais e criativas acima da média, e ser ou ter um filho considerado "gênio" é, muitas vezes, significado de frustrações e problemas por toda a vida.

As dificuldades começam por matricular um filho superdotado numa escola, já que muitas dessas crianças já sabem ler e escrever aos 3 anos e aos 8 são capazes de realizar, sem lápis e papel, cálculos matemáticos mais complicados.

Mãe de três crianças consideradas superdotadas, Lúcia Fick foi uma das que encontrou dificuldades para matricular seus filhos em escolas.

Os seus problemas na escola começaram com o seu filho mais velho, Felipe, de 10 anos, que aos 3 anos já sabia escrever. Os problemas conti-

nuaram com as outras filhas, Raquel, de 6 anos, e Rejane, de 8.

"Quando os professores percebiam que eles sabiam ler, não os aceitavam na escola porque eles atrapalhavam o ensino dos outros alunos", contou. Já Nelsa Maria Giacomim Pimentel, mãe de duas crianças superdotadas, passou por situação semelhante quando levou o seu filho Eduardo, de 12 anos, à escola pela primeira vez.

Os obstáculos continuaram com Marcelo, que tem oito anos e apesar de estudar na segunda série, resolve mentalmente, sem precisar de lápis ou caneta, problemas matemáticos que exigem cálculos mais complicados.

LEI

Embora a lei estadual 4.544, de 23 de julho do ano passado, determine o planejamento de programas e assistência às crianças superdotadas, os

projetos nesse sentido não saíram e nem têm previsão para sair do papel. No Espírito Santo, a Secretaria de Estado da Educação (Sedu), não tem nem conhecimento de quantos ou quem seriam os superdotados no Estado.

Em todo o País, apenas os estados de São Paulo, Santa Catarina, Paraná, Goiás e Pará possuem centros de atendimento especial para crianças superdotadas.

Mas, na maioria das instituições educacionais, a estrutura de ensino funciona como um rolo compressor, reprimindo e impedindo o desenvolvimento das potencialidades dos que, a princípio, são considerados privilegiados pela sociedade, já que, segundo as entidades educacionais, representam um número muito pequeno em termos populacionais. Em cada 100 pessoas no mundo, estima-se que apenas uma é superdotada.

Segundo o psicólogo Carlos Augusto Dias, além das dificuldades encontradas para o desenvolvimento do superdotado, no Brasil, a possibilidade dessa potencialidade surgirem já pode começar a "morrer" no próprio ventre da mãe, já que a subnutrição, uma das principais causas de mortalidade infantil no País, também impede o surgimento dos "gênios".

"A subnutrição durante a gravidez ou nos primeiros anos de vida levam à deficiência mental e essas crianças não chegam nem ao que é considerado normal em termos de inteligência", observou o psicólogo.

Leitura começa aos três anos

O garoto Marcelo Giacomim Pimentel, 8 anos, e o seu irmão Eduardo, de 12, aprenderam a ler e escrever aos três anos de idade. "Eu fiquei assustada quando o Eduardo começou a ler o nome da "Transportadora Colatinense" escrita na carroceria de um caminhão, aos três anos de idade", contou sua mãe, Neusa Maria Giacomim, mãe de outros três filhos.

Ela conta que nunca havia tentando ensinar os filhos a ler ou escrever, razão porque a sua surpresa foi muito maior, embora o pediatra sempre lhe alertasse que suas crianças eram muito inteligentes.

Eduardo, não gosta muito de esportes, mas em termos de aprendizado em todos os setores, gosta de tudo e reclama com a mãe porque na escola do Sesi de Jardim da Penha, onde cursa a sétima série, não há aula de geografia.

Já Marcelo, mais calmo e tímido, surpreende os adultos com os cálculos de raiz quadrada que faz mentalmente, embora nunca tenha estudado este tipo de matéria, já que estuda apenas a segunda série.

A principal característica de um e outro é que ambos assimilam tudo com muita rapidez e que têm dificuldade em fazer amizades logo que conhecem alguém. "Depois que se acostumam, se relacionam bem com qualquer pessoa", conta a mãe.

Nas salas de aula eles chegam a ser discriminados. Enquanto os coleguinhas acham que eles são metidos, algumas escolas públicas tiveram dificuldade em aceitá-los porque já sabiam ler e poderiam atrapalhar os outros alunos.

Eduardo, por exemplo, só conseguiu ser colocado no pré-escolar no segundo semestre, porque já estava muito adiantado. Já o Marcelo, teve que saltar do pré para o segundo ano, pelo mesmo motivo.

Perfil de um superdotado (*)

- Em geral, possui idéias diferentes para situações que para outros são comuns. Possui uma capacidade superior para raciocinar, lidar com abstrações e significados.
- Alguns se destacam mais em alguma área específica. Mas todos têm interesse de conhecimento em todos os campos.
- É muito curioso e aprende mais rapidamente. Por isso demonstra impaciência nas tarefas rotineiras.
- Possui uma notável capacidade de realização de forma contínua. Um bom escritor ou matemático, por exemplo, não terá apenas uma brilhante apresentação uma vez ou outra, mas continuamente durante toda a vida.
- Na idade infantil, costuma ser ligeiramente mais alto e mais pesado que as crianças de sua faixa etária.
- Atinge a maturidade mais precocemente.
- Tem independência para fazer qualquer tipo de tarefa sozinho, não necessitando de apoio, embora aceite sugestões.
- Possui mais interesse por algo abstrato que necessita exercitar a intelectualidade do que para as atividades manuais.
- Costuma ser uma criança mais educada e obediente que as demais. Tem um bom relacionamento com as pessoas.
- Tem bom senso de humor e capacidade de autocrítica.
- É uma criança mais íntegra, não gostando de brincadeiras como contar "mentirinhas" para os coleguinhas, por exemplo.
- Não se vangloria do próprio talento.

(*) Essas características são avaliadas pelos psicólogos nos testes para determinar se a criança é ou não superdotada. Além dessas observações, são feitos também testes de inteligência, de personalidade, entre outros.

Obs.: Esses aspectos não são regras gerais, mas dados de apoio que servem para auxiliar o psicólogo na hora da análise. Isso significa que um superdotado não precisa apresentar necessariamente as características acima para ser considerado como tal.

Fonte: Psicólogo Carlos Augusto Dias e Associação Brasileira dos Superdotados/ES

CONTRA A ESCOLA

Antonio Moreira



Dora Simonetti: causas hereditárias

Pais fundam associação para reunir as crianças

Sem um planejamento estadual, algumas pessoas iniciam projetos isolados na tentativa de oferecer um espaço para que os superdotados possam desenvolver suas potencialidades. Uma das instituições que trabalham nesse sentido é a Associação Brasileira de Superdotados (ABSD), cuja seção regional foi fundada em novembro do ano passado no Estado.

Segundo a presidente da Associação, a bióloga com mestrado em educação, Dora Cortat Simonetti, o objetivo da instituição é apresentar propostas e desenvolver projetos no sentido de atender os alunos especiais.

Dora Simonetti explicou que 60% da superdotação são de causa hereditária e 40% surgem com a ambientação da criança. Na visão dela, o atual sistema de ensino é muito repetitivo para uma pessoa que tem ânsia de saber sempre mais gerando, principalmente no caso dos superdotados, frustrações.

SISTEMA

“O sistema educacional estimula as pessoas a serem repetitivas, quando o importante na educação é sobretudo estimular o pensamento natural e espontâneo”, analisou.

Além de ser frustrante para o superdotado, que não consegue aproveitar todo o seu potencial, a falta de uma metodologia adequada para atender esse tipo de pessoa também é negativa para o próprio País em termos de desenvolvimento.

“Se o superdotado consegue aproveitar todo o seu potencial, ele multiplica isso por todos os que estão em volta dele e esses resultados serão positivos para todos”, comentou Dora Simonetti, lembrando entretanto que o objetivo é fazer do superdotado uma pessoa feliz e ajustada socialmente e não ser usada como meta de desenvolvimento do País.

Fundada recentemente, a ABSD/ES ainda não tem conhecimento do número de superdotados no Espírito Santo, mas a sua proposta é fazer esse levantamento, ao mesmo tempo em que lança propostas de mudanças na metodologia de ensino.

“Pretendemos começar os estudos a partir de pessoas que demonstram algum tipo de superdotação, como o estudante de Medicina Fabrício Otávio Gaburro, que em 91, com 14 anos, passou no vestibular da Ufes e da Emescam em um dos primeiros lugares, embora fosse estudante do segundo grau.

Já a professora da rede municipal de ensino de Vitória, Graça Lobino, está começando a desenvolver um projeto de pós-graduação na área de educação especial, com a intenção de redefinir um projeto metodológico para atender as crianças superdotadas.

Ritmo do ensino é lento

“O aprendizado das crianças está sendo sufocado porque elas têm que seguir o que a escola ensina e não podem ultrapassar esse limite”, analisou a dona de casa Lúcia Fick, mãe de três crianças superdotadas, Felipe, Raquel e Rejane.

Felipe, de 10 anos, atualmente cursa a sexta série, mas desde bebê era muito ativo, contou Lúcia Fick. Quando Felipe completou um ano e meio, Lúcia passou a dar um caderno para que ele brincasse. Aos 3 anos, embora não conseguisse ler, ele começou a escrever.

“Um dia eu escrevi uma carta. Ele a encontrou e reproduziu a última linha. Só então eu fiquei sabendo que ele sabia escrever. Aos quatro anos Felipe começou ler, mas também sem qualquer interferência minha ou de qualquer pessoa”, contou.

Segundo ela, a dificuldade na escola é que ele não consegue ficar atento a alguma coisa por muito tempo: “Na maioria das vezes ele descobre logo o que a gente está querendo falar e aí não presta mais atenção em nada porque se cansa logo”.

ATIVO

Como Felipe é muito ativo, não consegue nem ficar sentado na cadeira da sala de aula enquanto escreve as lições. “Quando ele fazia a primeira série, atrapalhava porque resolvia as questões logo e já queria vir embora para casa”, comentou Lúcia.

Fã de experiências em laboratório, Felipe, que estuda em escola pública, tem o sonho de um dia ser

cientista. Mas a mãe tem receios porque não teria condições de matriculá-lo em escola de melhor qualidade.

“Ele teve um maior rendimento num ano em que estudou em escola particular, onde passavam mais atividades. Mas este ano, estudando em escola pública, o rendimento não foi tanto porque se cansa das atividades que já sabe”.

A irmã mais nova de Felipe, Rejane, 8 anos, menos ativa e mais quieta, só demonstrou sua superdotação ao entrar para a escola, embora já lesse receitas para a mãe desde os 4 anos de idade. Com dificuldades para conseguir matricular a filha, Lúcia procurou a Secretaria de Estado da Educação para receber algum tipo de orientação.

Feito um teste psicológico, onde se comprovou que ela possui uma inteligência superior a média das crianças de sua idade a secretaria conseguiu uma bolsa de estudos até a oitava série na Escola Santa Bárbara, em Santa Lúcia.

Portadora de ótima memória, a menina estuda piano na Escola de Música do Espírito Santo e a sua menor nota na escola é a máxima em todas as disciplinas: 10.

Percebendo a dificuldade que teve para matricular os dois primeiros filhos na escola por eles já sabermos ler, Lúcia Fick, não atende aos pedidos de Raquel, de 6 anos, quando ela solicita que seja ensinada alguma atividade escolar. A garota, que também passou por um teste psicológico também foi considerada superdotada.

Adultos serão pesquisados

O artista plástico capixaba, Kleber Galveas, de 44 anos, idealizador da Galeria Homero Massena, em Vila Velha, poderá ser uma das pessoas estudadas pela Associação Brasileira dos Superdotados - seção Espírito Santo (ABSD/ES), que pretende fazer uma pesquisa para conhecer quem são e onde se encontram os superdotados do Estado.

A diretora da associação, Dora Cortat Simonetti, que foi professora do artista, explica que ele possui fortes características de superdotado. “Ele é muito criativo e isto tem persistido ao longo dos anos. Estas são características importantes na hora de se afirmar se uma pessoa é ou não superdotada”.

Para chegar a esta conclusão, a entidade avalia a história familiar do indivíduo, já que 60% de sua supercapacidade vem de sua hereditariedade e o restante do ambiente em que tenha vivido, além de uma série de características comportamentais.

Modesto, o artista diz que o seu bom rendimento escolar com Dora Cortati é explicado porque ele sempre se interessou pelo tipo de assunto ministrado por ela.

Galveas admite que sempre foi muito criativo e que seu pensamento em relação aos acontecimentos sempre foi meio divergente em relação às outras pessoas. Ele quis inovar, por exemplo, durante o período de cinco anos em que exerceu o magistério.

“Muitos diretores me chamavam a atenção porque chegava ao final do semestre e eu não havia saído da introdução do livro porque eu achava interessante ensinar as pessoas a treinar a fazer experiências ao invés de passar conhecimentos, que é o que é feito nesta estrutura de ensino que existe por aí”, argumentou.

Sua mãe, dona Esther Galveas, de 70 anos, garante que ele foi uma criança que “fazia muitas experiências, que até preocupavam. As vezes fazia experiências com fungos e bactérias que me deixava preocupada que ele pegasse alguma doença”.

Todas as experiências deste tipo eram feitas num pequeno laboratório montado no quintal de sua casa. Desde criança Kleber demonstrava grande interesse para a área de medicina e chegou até a começar o curso.

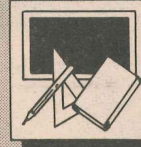
A mudança para as artes plásticas surgiu aos 17 anos, num congresso de medicina. Kleber fez um painel de três metros de comprimento desenhando um braço e um médico fazendo uma aplicação de uma injeção. Tirou o primeiro lugar no concurso para a decoração do local do congresso e se entusiasmou com a arte.

Só mais tarde, quando em contato com um parente, também pintor, resolveu mudar os rumos de sua vida profissional e deixar definitivamente a medicina.

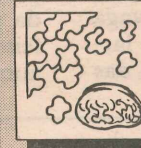
Os principais tipos de superdotados (*)



O intelectual — Apresenta um grande desempenho na área intelectual, com uma ampla visão do que ocorre em termos de mundo. Em geral apresenta tendências para se tornar grande escritor.



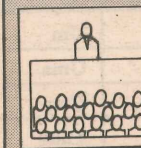
O acadêmico — Possui boa memória, uma atenção e uma concentração muito grande. É o tipo paciente, que costuma ter um rendimento escolar superior. Nesse tipo devem ser classificados os “feras” de vestibular. Ao contrário do intelectual, que possui uma visão mais ampla e globalizada dos acontecimentos, o acadêmico geralmente possui uma boa visão de alguma área específica, seja em termos de alguma disciplina, como Matemática, Português ou outras.



O criativo — Em geral todos os superdotados têm uma grande criatividade. Mas há aqueles que se sobressaem por terem um grau de criatividade muito superior. Este tipo tende a ter um pensamento divergente em todos os assuntos, além de quase sempre encontrar soluções para todos os problemas. Possui um raciocínio rápido.



O psicomotor — Geralmente se sobressai na área de esportes. O melhor exemplo é o rei do futebol, Pelé.



O social (ou líder) — Possui o dom de domínio e liderança. Se há um grupo de pessoas onde se precisa de um líder e ele está presente, ele é o líder natural.



O talentoso especial — São pessoas que possuem um talento especial para alguma área artística, seja na música, artes plásticas, cênicas ou dramáticas.

(*) Os superdotados, pessoas com inteligência superior as de sua faixa etária, podem se desenvolver mais em uma dessas áreas, como também podem se desenvolver em várias delas. Todos os tipos de superdotados possuem o dom de não ter idéias estereotipadas, mas sempre diferentes e divergentes das pessoas comuns.

Fonte: Associação Brasileira para Superdotados, seção Espírito Santo (ABSD/ES)